

A violência doméstica representada na telenovela

A regra do jogo

Maria Aparecida Baccega

Livre-docente em Comunicação pela ECA-USP. Docente, pesquisadora e orientadora do PPGCOM-ESPM. Coordenadora do Grupo CNPq de Pesquisa Comunicação, educação e consumo: as interfaces da teleficação (ESPM-SP) e do Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (ECA-USP). E-mail: mbaccega@espm.br

Maria Amélia Paiva Abrão

Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM. Especialista em Marketing, com MBA Executivo e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM. Pesquisadora do Obitel Brasil e membro do Grupo CNPq de Pesquisa Comunicação, educação e consumo: as interfaces da teleficação (ESPM-SP). E-mail: amelia.abrao@gmail.com

Resumo: Ao longo dos anos a mulher tem conquistado cada vez mais espaço na sociedade brasileira; entretanto, mesmo com os esforços do Governo, com a criação da "Lei Maria da Penha", o número de mulheres vítimas da violência doméstica no Brasil não diminuiu. Ao longo deste artigo verificaremos o que está por trás dessa cultura que "fornece poder" ao homem em detrimento da figura da mulher e como os meios de comunicação, em especial a telenovela, contribuem para as mudanças de comportamento.

Palavras-chave: comunicação; telenovela; violência doméstica; gênero.

Abstract: Over the years, women have gained more space in Brazilian society; however, despite the Government's efforts (for example, by creating the "Maria da Penha Law"), the number of women victims of domestic violence in Brazil has not diminished. Throughout this article we will check what is behind this culture that "provides power" to men rather than women and how the media, particularly telenovelas in television, contribute to changes in behavior.

Keywords: communication; telenovela; domestic violence; gender.

Recebido: 15/01/2016

Aprovado: 25/02/2016

1. IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao>. Acesso em: 30 mar. 2016.

2. Portal Brasil. Disponível em: www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 30 mar. 2016.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma população de aproximadamente 250.444.128 habitantes¹, sendo sua maioria composta por mulheres, 51,4% da população². Embora seja um país constituído em grande parte por pessoas do sexo feminino, ainda há muito que discutir em relação à violência de gênero, à violência contra a

mulher e à violência doméstica para que as mulheres possam exercer sua cidadania plena dentro da sociedade.

Nesse enfoque, buscaremos examinar o que está por trás da violência doméstica no Brasil e, *a posteriori*, analisaremos como a telenovela, especificamente *A regra do jogo*, vem contribuindo para suscitar questões acerca do assunto.

A TV aberta cobre 96,7% de todo o Brasil e a Rede Globo abrange praticamente todos os lares com televisão; é a emissora com a maior cobertura dentro do país³. O horário de maior audiência na Rede Globo é o noturno, entre às 18h e às 24h, período em que são transmitidas a maioria de suas telenovelas e telejornais. É a única emissora que ultrapassa no Ibope o conjunto de canais de TV paga⁴.

A telenovela se faz muito presente no cotidiano do brasileiro e da brasileira — mais de 60% de seus telespectadores são mulheres⁵ — o “nível de detalhamento do cotidiano se revela nas extensas cenas de representação das refeições em família, nos longos percursos de resoluções de conflitos dos mais variados⁶”, fazendo com que esses receptores se apropriem das mensagens a partir de suas práticas.

E nesse diálogo com o cotidiano são abordados os mais diversos temas, inclusive aqueles que necessitam de um olhar mais atento por parte da sociedade, com o objetivo de chamar a atenção para algum assunto que requeira mudanças, que ainda estejam apenas nos implícitos das conversas. Em *A regra do jogo*, veremos como a violência doméstica foi retratada por meio das personagens de Domingas e Juca.

Antes de adentrarmos na análise da telenovela, faz-se necessário um olhar para a nossa sociedade a fim de identificarmos as questões que levam à violência contra a mulher e conseqüentemente, aquela no âmbito doméstico.

2. ROSA, AZUL OU VERMELHO?

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”⁷. É de se espantar que essa frase da filósofa e feminista Simone de Beauvoir, escrita em seu livro *O segundo sexo*, no final da década de 1960, tenha causado tantas críticas e comentários por sua utilização na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015. Beauvoir aponta para as questões de gênero construídas no bojo da sociedade, para a necessidade da observação atenta da construção do “masculino” e do “feminino”, que enaltece/qualifica o homem, enquanto diminui o papel da mulher. Sobre a infância Beauvoir diz:

somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo⁸.

3. Mídia Dados 2015. Disponível em: <dados.media/#/app/dashboard/TVA_COBERTURA_GEOGRAFICA_TV_0> Acesso em: 30 mar. 2016.

4. LOPES, Maria Immacolata V., et. al. Brasil: tempos de séries brasileiras? In: LOPES, Maria Immacolata V., GOMEZ, Guillermo Orozco (orgs.). *Relações de gênero na ficção televisiva: Anuário Obitel 2015*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 119.

5. Idem, *ibidem*, p. 140.

6. LOPES, Maria Immacolata V.; et. al. *Vivendo com a telenovela: Mediações, recepção, teleficionalidade*. São Paulo: Summus, 2002, p. 363.

7. DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, p. 9.

8. Idem, *ibidem*.

Ou seja, a criança só se comportará como menina ou menino a partir dos ensinamentos de seus familiares e/ou agentes de socialização (igreja, escola, entre outros), que ao longo de sua vida delinearão quais as formas de se comportar em sociedade, constituindo assim aqueles que serão “modelos perfeitos” de mulher e homem a ser almejados. Cada sociedade possui sua cultura e a partir desta a identidade de gênero é formada.

A sociedade brasileira é uma sociedade patriarcal, em que

o homem sempre teve como seu espaço o público e a mulher foi confinada ao espaço privado, qual seja, nos limites da família e do lar, ensejando assim a formação de dois mundos: um de dominação, produtor — (mundo externo) e o outro, o mundo de submissão e reprodutor (interno). Dessa forma, ambos os universos, público e privado, criam polos de dominação e de submissão⁹.

Embora as mulheres tenham obtido uma voz mais ativa dentro da sociedade, ainda há um caminho a percorrer em busca de seus direitos e igualdade de gênero, em todas as classes e etnias. Para tanto, é necessária a desmistificação desse processo de naturalização em que o público pertence ao homem e o privado à mulher. Afinal, “os processos socioculturais de discriminação e outras categorias sociais constituem o caminho mais fácil e curto para legitimar a ‘superioridade’ dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos¹⁰”.

Nesse sistema, a mulher costumeiramente sustenta o lar. Mesmo assim, são vistas como inferiores e, muitas vezes, recebem salários menores simplesmente por serem do sexo feminino. E, se possuem família, não podem deixar que o trabalho interfira nas tarefas domésticas, que são de sua responsabilidade, principalmente a criação dos filhos.

O homem sente-se poderoso e protegido dentro dessa sociedade e aprende a ver a mulher como mercadoria e como sua propriedade. Ocorre, assim, uma relação de dominação e subordinação, com níveis de intensidade que variam de acordo com a classe social.

A violência contra a mulher ocorre a partir dessa relação de dominação/subordinação e a violência doméstica caracteriza-se por aquela que ocorre no âmbito familiar/do lar, em geral praticada pelo parceiro.

A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é a sua rotinização, o que contribui, tremendamente, para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar as agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim determina¹¹.

A Lei Maria da Penha (lei n. 11.340) foi promulgada em 2006 com o objetivo de garantir os direitos da mulher. Punindo os casos de violência doméstica e familiar, a lei considera cinco tipos de violência: físico, psicológico, sexual, moral e patrimonial. Mesmo com o Estado garantindo a segurança da mulher, segundo a pesquisa Data Senado 2015¹², uma em cada cinco mulheres

9. DIAS, Maria Berenice. *A Lei Maria da Penha na justiça: A efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007, p. 17.

10. SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987, p. 11.

11. Idem. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em perspectiva*, v. 13, n. 4. São Paulo, out./dez. 1999, p. 88.

já sofreu violência doméstica. A proporção é a mesma desde 2009, quando se iniciou a pesquisa. No Brasil, entre 2001 e 2011, foram 50 mil feminicídios, ou seja, aproximadamente 5 mil mortes por ano¹³.

Não é raro ver notícias de violência doméstica e/ou feminicídios na internet e/ou em jornais, mas há aquelas que são silenciadas, não denunciadas por vergonha, medo ou porque a vítima foi ensinada a obedecer àquele que a domina. Entretanto, situações como essas não podem ser aceitas pelas mulheres e pela sociedade, essa relação de subordinação deve ser desconstruída, é um processo lento, cultural, mas possível de ser realizado.

Em relação à violência doméstica, o Estado criou a Lei Maria da Penha e o Ligue Denúncia 180¹⁴, que vem sendo divulgado pelos meios de comunicação de forma mais ampla nos últimos tempos. Essa ação de divulgação e demais ações sociais realizadas pelos dispositivos midiáticos são de suma importância para a conscientização das mulheres vítimas da violência e para aqueles que de algum modo são afetados por ela.

E nesse contexto, a telenovela, ao realizar ações de *merchandising* social, colabora trazendo para a sociedade temas que necessitam de reformulações e apoio para mudanças. A seguir, veremos como a telenovela *A regra do jogo* abordou a questão da violência doméstica.

3. QUEBRANDO O SILÊNCIO

Um dos mecanismos usados para divulgação e crítica da violência doméstica é a televisão aberta, de grande penetração no Brasil. E, entre seus produtos, destaca-se a telenovela.

Falar de telenovela é falar de um formato consagrado no Brasil e exportado para diversos países ao redor do mundo. Ela faz parte do cotidiano dos brasileiros, é a narrativa da nação, suas histórias perpassam paralelamente as histórias daqueles que a assistem a ela, fazendo com que se reconheçam nelas.

ao incorporar a diversidade de tipos, situações, características, comportamentos, necessidades e preferências, a telenovela atravessa verticalmente a sociedade e expõe horizontalmente um mundo de contrastes, de diferenças, e ata nas identidades um universo caleidoscópico. Promove o familiar, o diferente, reafirmando a particularidade como um traço que distingue grupos e pessoas sobre a base comum na identidade que os laça como iguais¹⁵.

A telenovela envolve a todos em sua narrativa, não tem distinção de classe, etnia ou gênero. Jovens, idosos, homens e mulheres se reúnem para ver o desenrolar de uma trama e, mesmo aqueles que não assistem a ela com assiduidade ou optam por outro programa, não ficam à parte de seus acontecimentos, pois estes se desdobram em conversas entre amigos, no trabalho ou na mesa de um bar.

A força e a repercussão da novela mobilizam cotidianamente uma verdadeira rede de comunicação, através da qual se dá a circulação dos seus sentidos

12. Pesquisa Data Senado 2015. Disponível em: <www12.senado.leg.br/senado/procuradoria/publicacao/pesquisa-violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres>. Acesso em: 30 mar. 2016.

13. FREITAS, Lúcia Rolim Santana de, GARCIA, Leila Posenato, HÖFELMANN, Doroteia Aparecida, SILVA, Gabriela Drummond Marques da. Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil. Ipea — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

14. Desenvolvido pela Secretaria de Políticas para Mulheres.

15. MOTTER, Maria de Lourdes. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: Empréstimos e doações. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. *Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 288.

e gera a chamada semiose social. Por isso, a telenovela pode ser considerada como um novo espaço público, por ter essa capacidade de provocar a discussão e a polêmica nacional. Através desse fórum de debates sobre os sentidos produzidos, capilarmente difuso, complexo e diversificado, as pessoas sintetizam experiências públicas e privadas, expressam divergências e convergências de opinião e ação de personagens e desdobramento de histórias¹⁶.

Esse poder de envolver a todos e de agendar temas para serem discutidos socialmente trouxe a possibilidade de a telenovela desenvolver ações socioeducativas, possibilitando a abordagem de temas que requerem especial atenção, promovendo mudanças, colaborando com novas atitudes etc.

A violência contra a mulher e a violência doméstica já foram temas de algumas telenovelas, uma vez que, como já foi dito, vivemos em uma sociedade patriarcal, que vem desenvolvendo a passos lentos ações para acabar com a questão. Sendo assim, é um tema que não deve cessar nem nos meios de comunicação, muito menos entre as mulheres, nas discussões do cotidiano. O silêncio já reverbera em muitas residências, é preciso deixá-lo sair.

Crédito: divulgação



Em 2016, a telenovela *A regra do jogo* abordou a violência doméstica por meio das personagens de Domingas e Juca, moradores do *Morro da Macaca*. Domingas é uma mulher jovem, bonita, trabalha como vendedora, sustenta a casa, entretanto, é constantemente agredida por seu marido, com insultos, traições e agressões físicas. Juca é um homem jovem, bonito, dono de um bar, o típico “machão” que não pode ver uma mulher que vai logo dando em cima, humilha sua esposa constantemente, nunca a valoriza.

A seguir, analisaremos duas fases da personagem de Domingas. A primeira, em que ela é agredida e não se enxerga como mulher/cidadã, a segunda quando se descobre enquanto mulher, quando percebe o poder que tem, que conquistou.

16. LOPES, Maria Immacolata V. A telenovela como recurso comunicativo. *Revista Matrizes*, v. 3, n. 1, 2009, p. 31.

4. DA VIOLÊNCIA À LIBERTAÇÃO

Como dissemos, a telenovela abrange todo o território nacional, sem distinção de gênero, classe ou raça. Faz parte do cotidiano do brasileiro e possui o poder de transformação em médio e longo prazo. No caso de *A regra do jogo*, a violência doméstica foi amplamente retratada, cenas dessa violência eram mostradas quase diariamente em seus capítulos. Cenas que dialogam com a realidade de mulheres de norte a sul do país.

A primeira fase de Domingas mostra uma mulher que vive inteiramente para o marido: trabalha fora, sustenta a casa, faz tudo para agradar seu parceiro, é a dona do lar — cozinha, lava, passa, enquanto o marido se utiliza do seu dinheiro para se divertir à noite na boate do morro.

É constantemente insultada, humilhada e traída — inclusive dentro de sua própria casa. As agressões físicas se intensificam quando Juca bebe e quando ela não lhe dá dinheiro.

As frases abaixo são algumas utilizadas por Juca:

Estou casado, mas não tô capado, volta para casa, tem pilha de roupa pra tu passar!

Um jaburu desse fica tirando onda, qual é gordinha, qual é pacotinho, você queria que eu ficasse lá em casa te esperando¹⁷?

Essas frases representam o homem macho, dito viril, que para afirmar essa virilidade recorre a várias mulheres. O discurso machista e dominador é reforçado na frase “volta para casa, tem pilha de roupa pra tu passar!”, como tantas frases que estão naturalizadas no cotidiano do brasileiro como: “lugar de mulher é na cozinha”, “não tem pilha de louça para lavar?”. Ou quando um motorista de um carro diz frases como: “Vai lavar roupa, D. Maria!”, “Só podia ser mulher!” etc.

O discurso machista é um discurso preconceituoso, que diminui a mulher, tornando-a um mero objeto. Como algumas falas do Juca transcritas abaixo:

Tem um monte de mulher delícia me querendo, querendo um cara que nem eu, cheio de musculatura, "sacô"? Tipo a pretinha de ontem, peito duro, "cinturada", bunda grande, sacô¹⁸?

Aqui a mulher é descrita como objeto, sem nome, sem sua personalidade, apenas características físicas distorcidas de modo a enaltecer o “prêmio” que ele (Juca) conquistou na noite anterior.

Por trás de muitos dos discursos de Domingas, vemos o discurso religioso. Ela está sempre recorrendo a Deus, pedindo ajuda. Em uma cena, ela mostra a sua aliança ao marido e pergunta: “Isso aqui é o quê para tu?”¹⁹.

O Brasil é um país cristão (86,6%)²⁰, as religiões católica e evangélica estão entre as mais seguidas pelos brasileiros. Essas religiões veem o matrimônio como uma união de Deus, que não deve ser desfeito por qualquer intempérie. Daí podemos inferir a aceitação benevolente de Domingas frente aos abusos de Juca. É a mesma situação que ocorre com muitas mulheres no Brasil.

17. A Regra do Jogo. Disponível em: <gshow.globo.com/novelas/a-regra-do-jogo>. Acesso em: 30 mar. 2016.

18. A Regra do Jogo, op. cit.

19. Idem, ibidem.

As poucas vezes em que Domingas cria coragem e revida, o marido usa força física, principalmente se a sua masculinidade — em sua visão — é posta em questão, como quando ela diz: “Sabe o que eu quero, Juca? Eu quero que tu me respeite, eu quero que tu ‘seje’ homem!”.²¹

Domingas é agredida quase que diariamente e após muitas dessas discussões, Juca ameaça deixá-la:

É isso que “tu qué”, que eu vou embora? Vai se virar sozinha como?

Tu “qué” o quê, que eu vá embora? Desenruga essa testa! Tá nervosa? Quer que eu vá embora? É só tu falar que eu vou embora²²!

O algoz se transforma em um salvador, o que será da mulher sem o homem? E Domingas implora que Juca fique, pois ela foi ensinada, doutrinada a obedecer. Na favela, todos sabem o que se passa com ela, sua amiga tenta convencê-la a terminar o casamento, mas ela não possui a segurança para seguir adiante sem o marido. “A resignação, ingrediente importante da educação feminina, não significa senão a aceitação do sofrimento enquanto ‘destino da mulher’. Assim, se o companheiro tem aventuras amorosas ou uma aventura estável fora do casamento, cabe à esposa resignar-se”²³, embora hoje nas camadas médias a resistência da mulher esteja se fortalecendo.

Após muita humilhação, violência física, psicológica e patrimonial, Domingas decide expulsar Juca de casa e, para isso, conta com a ajuda dos amigos. A partir daí entra no que podemos denominar a segunda fase.

Aparece na casa de Domingas um desconhecido, que atende pelo nome de César. Ele começa a tratá-la muito bem, com respeito e carinho. Poucos dias depois, ela se entrega sexualmente a ele e a partir daí passam a viver um romance. Vemos o despertar de uma nova mulher em Domingas, que se entregou a um outro homem e começa a descobrir a sua sexualidade. Em uma cena, após fazerem sexo, ela diz:

Não sabia que podia ser tão bom assim, sabia? Posso te falar uma coisa, eu juro que eu pensava que as mulheres estavam mentindo... que sexo era isso, que sexo aquilo... Eu nunca senti isso com o Juca. Eu nunca senti nada disso com o Juca²⁴!

A frase de Domingas mostra não apenas a descoberta da sexualidade, do prazer, mas também demonstra a mulher objeto que ela era para seu ex-marido, utilizada apenas para lhe dar prazer, mostra que não havia cumplicidade entre os dois.

Mesmo com César, Juca continua perturbando Domingas e para que ela fique livre das armações do ex-marido, César decide ir embora. No diálogo de despedida, Domingas ainda insegura, implora para que ele fique. E César diz:

Domingas, calma! [...] Agora presta atenção em uma coisa, você vai me prometer que se ele [Juca] te encostar a mão, se ele te agredir, se ele fizer qualquer coisa com você, você vai procurar a polícia! Olha para mim, você vai estar sozinha, você vai procurar a polícia²⁵!

20. IBGE, op. cit.

21. *A Regra do Jogo*, op. cit.

22. *Idem*, *ibidem*.

23. SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987, p. 35.

24. *A Regra do Jogo*, op. cit.

25. *Idem*, *ibidem*.

Essa foi a primeira vez que foi abordada a importância de se procurar a polícia para realizar uma denúncia de violência doméstica. Segundo a pesquisa Data Senado 2015²⁶, 17% das mulheres buscaram uma delegacia após serem agredidas, 11% buscaram uma delegacia da mulher, 20% buscaram apoio familiar, 6% recorreram aos amigos — como fez Domingas —, 22% buscaram outras opções, entretanto 20% das mulheres afirmaram que não fizeram nada frente à violência sofrida. O medo do agressor, a preocupação com os filhos e a esperança que a agressão tenha sido a última são as causas mais citadas para o silenciamento da mulher.

Com o passar dos dias, ao lado dos amigos, com trabalho, Domingas vai criando coragem, se sentindo poderosa, dona de si. Mesmo assim, seu ex-marido continua a perturbá-la, até que ela resgata a confiança que lhe faltava. A seguir, o diálogo entre ela e Juca:

— Tô preocupado com você, Domingas... Tá aí largada, vai ficar velha, toda enrugada, nem um mendigo vai querer nada com você, tá ligada? Cê vai acabar sabe igual quem? Sua mãe, sozinha. [...] É isso que te espera!

— Escuta aqui traste, a próxima vez que tu me xingar, que tu infernizar a minha vida, eu vou te denunciar pra polícia, entendeu? Eu não tenho medo de ti, eu não tenho mais medo de ti [...] eu te ponho na cadeia. E vou te dar um conselho, vê se escova esse seu dente podre, que esse seu bafó está empestecendo a minha casa²⁷!

Foi a primeira vez que em vez de pedir ajuda aos amigos Domingas enfrentou Juca e, com convicção, falou e mostrou que era capaz de denunciá-lo. A personagem que era submissa ao marido deu voz à mulher que existia nela.

No dia seguinte à expulsão, a cena em que aparece Domingas se inicia com a imagem da favela ao som da música “Ser Humano”, de Zeca Pagodinho, cujo trecho cantado foi:

Quero ver sempre no teu rosto essa felicidade. O teu sorriso iluminado que me faz tão bem. O teu astral pra cima já é marca registrada. Esse teu jeito que não guarda mágoa de ninguém. Essa vontade de quem vai vencer na vida²⁸.

A música juntamente com a imagem de Domingas se arrumando em frente ao espelho trazem a ideia de transformação, renovação ou, como diz a estrofe, “essa vontade de vencer na vida”. A cena continua com a personagem passando batom vermelho. Essa cena traz luz a um movimento que se iniciou na internet para fortalecer as mulheres, a partir do vídeo publicado no Youtube pela vlogueira Jout Jout denominado “Não tire seu batom vermelho²⁹”, que aborda relacionamentos abusivos. A atriz Clarice Falcão também criou o vídeo “Survivor³⁰”, em que mulheres utilizam o batom vermelho da maneira que desejam. Esses vídeos se multiplicaram na internet, em diversas redes sociais, dando vozes às mulheres. Muitas marcas como Natura, Quem disse, Berenice? se apropriaram desse fortalecimento feminino para realizar campanhas mostrando o poder da

26. Data Senado 2015, op. cit.

27. A Regra do Jogo, op. cit.

28. Idem, ibidem.

29. “Não tire seu batom vermelho”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=l-3ocjJTPHg>. Acesso em: 30 mar. 2016.

30. “Survivor”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>. Acesso em: 30 mar. 2016.

mulher e seu batom vermelho. E a Globo trouxe isso para *A regra do jogo*, num diálogo entre seus mais diversos públicos, principalmente o feminino.

A cena continua com César retornando à casa de Domingas para se despedir definitivamente dela, que diz: “César, eu não vou ficar desesperada, acho que tudo que a gente viveu me mudou muito. Eu me sinto mais forte, mais independente, mais feliz.”

Embora triste, pela primeira vez em sua vida Domingas aparece forte, dona de si, uma mulher que pode viver sem depender da presença de um homem para ser feliz, que pode dar continuidade à sua vida independente do outro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito que ser discutido em termos de igualdade de gênero em nossa sociedade, muitos avanços ocorreram em direção aos direitos da mulher brasileira, porém, quando analisamos a identidade da mulher, construída socialmente, quais as funções que ela desempenha e como esta construção encontra-se naturalizada de modo que muitas mulheres aceitem sua posição de submissão sem questionar, vemos o quanto o debate faz-se necessário.

Por que não permitir, e mesmo estimular o desenvolvimento da razão nas mulheres? Por que não incentivar o homem a não reprimir a dimensão afetiva de sua personalidade? [...] Das relações assimétricas, desiguais entre homens e mulheres derivam prejuízos para ambos³¹.

Os meios de comunicação contribuem para as mudanças sociais de nossa sociedade; trazem para discussão temas importantes. Além disso, vivemos em uma cultura oral, em que o audiovisual faz parte desse cotidiano falado. Isso posto, é fundamental que temas como violência contra a mulher e violência doméstica sejam mostrados, promovendo ações educativas e informativas em relação ao assunto para que as mulheres, e todos os afetados, possam se fortalecer, criar coragem para denunciar e se livrar da situação de aprisionamento ou violência em que vivem.

As telenovelas têm conseguido realizar diversas ações ao longo dos anos, algumas relacionadas às questões de gênero. O formato permite que “[...] toda a sociedade, com maior, menor ou sem escolaridade, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, residentes nas mais diferentes regiões do país, discutam a temática social pautada pela telenovela”³².

Ao longo deste artigo, procuramos analisar alguns aspectos da telenovela *A regra do jogo* e verificamos como ela abordou o tema violência doméstica, mostrando todos os tipos possíveis de violência sofridas por uma mulher. A busca por ajuda, inicialmente recorrendo-se aos amigos e, posteriormente, mostrando a figura feminina fortalecida para que ela pudesse enfrentar seu agressor e recorrer à polícia.

31. SAFFIOTI, Heleieth. op. cit., p. 20.

32. BACCEGA, Maria Aparecida. Narrativa Ficcional de televisão: encontro com os temas sociais. *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo, n. 26, jan./abr. 2003, p. 8.

Que o tema continue a ser debatido em todas as esferas da sociedade, até que os números em relação à violência doméstica mostrados no início deste artigo sejam zerados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Narrativa Ficcional de televisão: encontro com os temas sociais. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo, n. 26, jan./abr. 2003.

DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na justiça: A efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

FREITAS, Lúcia Rolim Santana de, GARCIA, Leila Posenato, HÖFELMANN, Doroteia Aparecida, SILVA, Gabriela Drummond Marques da Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil. Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf/>. Acesso em: 30 mar. 2016.

IBGE. <www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao>. Acesso em: 30 mar. 2016.

LOPES, Maria Immacolata V. A telenovela como recurso comunicativo. **Revista Matrizes**, v. 3, n. 1, 2009.

_____. et. al. Brasil: tempos de séries brasileiras? In: LOPES, Maria Immacolata V., GOMEZ, Gillermo Orozco (orgs.). **Relações de gênero na ficção televisiva**: Anuário Obitel 2015. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____.; et. al. **Vivendo com a telenovela**: Mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MOTTER, Maria de Lourdes. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: Empréstimos e doações. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Telenovela**: Internacionalização e Interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004.

PESQUISA DATA SENADO 2015. <www12.senado.leg.br/senado/procuradoria/publicacao/pesquisa-violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres>. Acesso em: 30 mar. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**, v. 13, n. 4, São Paulo, out./dez. 1999.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.